

Um brilho de prata enfeita as ruas da cidade imperial

Quitandinha revive os seus dias de esplendor e glória

Elisabeth Orsini

• A cidade de Petrópolis nunca esteve tão imperial. Pela manhã, o sol tingia de prata as árvores magnólia que vivem nas laterais do grande canal da Avenida Koeller, uma das mais sofisticadas da cidade. E nela que fica o imponente Palácio Rio Negro, onde o presidente FHC chegou ontem e ficará até domingo. Seu João, o guardador de flores do palácio, aguardava sorrindo o presidente admirando sua obra: cinco canteiros harmoniosamente armados, na última terça-feira, repleto de cristas-de-galo vermelhas e amarelas que contrastavam com as hortênsias em tons rosados que já se abrem ali há muito tempo. Tudo estava quase perfeito. Mais perfeito mesmo só se uma falha imperdoável não tivesse acontecido: comentava-se que o prefeito e anfitrião Leandro Sampaio estava sentido com o fato de não ter sido convidado para fazer parte da mesa do seminário Infra-Estrutura de Longo Alcance para o Desenvolvimento Sustentável — Rio Século XXI, na manhã de ontem, no Hotel Quitandinha.

— Foi uma indelicadeza — disse um empresário da cidade que preferiu não se identificar.

Os príncipes dom Francisco e dom Affonso de Orleans e Bragança ficaram no auditório incôgnitos. A princesa Cristina de Bourbon de Orleans e Bragança nem comentou o fato. Feliz, ela desfilava com um colar de pérolas, camafeu dourado de origem desconhecida — “O retrato que tem lá dentro é de uma senhora que nossa família não sabe quem é” — e vestido florido com fundo azul marinho que ganhou de pre-

sente do finado doutor Othon Bezerra de Mello que foi padrinho de seu primeiro casamento. A princesa circulava com a tatuagem em forma de estrela que usa na altura do pulso esquerdo:

— Foi um delírio de adolescente, agora vou pintá-la de amarelinho por dentro.

Sim, o Quitandinha reviveu seus dias de esplendor e glória. Carros importados circulavam pela porta principal do hotel, celulares tocavam insistentemente, às vezes abafados pelo barulho dos helicópteros que sobrevoavam o local. Pensando que FHC desceria dos céus como Papai Noel, as crianças deliravam: “Olha papai, lá vem o presidente”. Seguranças gentilíssimos e recepcionistas escolhidas a dedo recebiam os convidados que tinham de se livrar de chaves e celulares antes de passar no portal com sensor. Apenas um deles se rebelou contra as normas de segurança, e, mal educado, protagonizou um desagradável protesto.

Fernando Gabeira de terno de maconha e tamanquinho

Logo depois, chegou o deputado Fernando Gabeira sempre coerente com seu terno de fibra de maconha e tamanquinho. Chiquérrimo. O mesmo não se pode dizer do deputado João Mendes, que chegou de camisa listrada ligeiramente aberta na altura da barriga; gravata de fundo vermelha e camisa listrada. Aliás, pelo que se viu entre os políticos que circulavam no hotel, a estilista Glória Kalil precisa enviar urgentemente seu recém-lançado guia de moda para a sede dos partidos. E, se der tempo, recomendar que o deputado Roberto Jeffer-

son contrate uma passadeira para deixar tinindo seus ternos. Não é o caso do deputado federal Alexandre Santos, que circulava com um terno azul-marinho esticadíssimo, gravata estampada e cabelo pintado como as asas da grana. Apenas um senão comprometia sua arrumação impecável: o botão dourado do Congresso estava de cabeça para baixo. Detalhe rapidamente esclarecido:

— Quando eu chego ao Rio fico com a cabeça virada.

Parado diante dos imensos candelabros do Quitandinha, o secretário de Cultura, Leonel Kaz, foi abordado pelo diretor da Firjan Breno Neves, que lhe fez uma revelação que deixou as bochechas do secretário mais coradas do que de costume. “Parabéns, secretário, sua mãe está no quarto do presidente” — disse Neves referindo-se a dona Paulina Kaz de 80 anos. Tudo foi esclarecido quando Neves explicou que dois quadros de dona Paulina foram escolhidos para decorar o quarto do presidente no Palácio Rio Negro: bananeiras em frente da cama e uma ciranda na cabeceira. Mais adiante, a promotor Ana Maria Tornaghi apresentou a artista plástica Marília Kranz ao presidente do Bank of America, Joel Kohn, recomendando que este patrocinasse uma exposição da artista: “O presidente Fernando Henrique pediu que Marília fizesse uma exposição em Brasília.” Alias, Marília, que fica hospedada até domingo na casa do pintor Luiz Áquila e sua mulher Monica Barki, também está no quarto do presidente com uma tela pintada na década de 70:

— É um óleo sobre tela chamado “O olho” (risos). ■